

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

ROSÂNGELA VERON RÔA

**HISTÓRIAS DE GUAVIRA: REFERENCIAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE
SENTIDOS**

JARDIM – MS

2013

ROSÂNGELA VERON RÔA

**HISTÓRIAS DE GUAVIRA: REFERENCIAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE
SENTIDOS**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português-Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Me. Clemliton Pereira dos Santos

JARDIM – MS

2013

ROSÂNGELA VERON RÔA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**HISTÓRIAS DE GUAVIRA: REFERENCIAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DE
SENTIDOS**

APROVADO EM: _____ / _____ / _____ /

Orientador: Prof. Me. Clemilton Pereira dos Santos
UEMS / Jardim

Prof.^a Me. Roseli Peixoto Grubert Martinez
UEMS / Jardim

Prof.^a Me. Michele Serafim dos Santos
UEMS / Jardim

RÔA, Rosângela Veron.
Histórias de guavira: referência e a construção de sentidos / Rosângela Veron Rôa. Jardim: UEMS, 2013. 37 p.; 30 cm.

Bibliografia
Monografia de Graduação – Curso de Letras
Habilitação Português-Inglês – Universidade Estadual de
Mato Grosso do Sul.

1. Histórias de Guavira. 2. Referência. 3. Efeitos de sentido.

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para a publicação e reprodução de cópia(s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Rosângela Veron Rôa

Jardim / MS, 31 de outubro de 2016.

O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.

José de Alencar

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por me dar forças, saúde, inteligência e coragem para alcançar meu objetivo, e por ter me dado a possibilidade de poder tornar realidade o meu sonho de ingressar na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Jardim.

À minha querida família, que sempre esteve ao meu lado, me apoiando e incentivando durante este período na Universidade.

Em especial agradeço a minha querida irmã Lídia Ramona Veron Rôa, que durante todo o Curso de Letras sempre me deu forças para não desanimar.

Agradeço a todos os meus colegas do Curso de Letras que fizeram parte dessa longa caminhada, ficam as amizades e as boas lembranças.

Agradeço a todos os professores da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, que tanto contribuíram para meu crescimento intelectual e social.

Ao meu querido orientador e Prof. Me Cleilton Pereira Dos Santos, pela paciência, disponibilidade, atenção e carinho, minha eterna gratidão e reconhecimento, cuja contribuição tornou possível a realização e conclusão deste trabalho.

Ao meu esposo Celeido Alves Cardoso e minha filha Alanys Veron Alves, que realizam em mim, a cada dia, o sentido do verdadeiro amor.

RESUMO

RÔA, Rosângela Veron. **Histórias de guavira: referenciação e a construção de sentidos.** 2013. 37 p. TCC (Graduação) – Curso de Letras hab. Port. Ingl. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim, 2013.

O presente trabalho tem por objetivo analisar à luz da linguística textual, a partir de Koch (2003 e 2004), Saussure (2000), Monteiro (2000), Vanoye (1998), Fiorin (2004) Edgar e Sedgwick (2003), Hall (2005) e Platão e Fiorin (1999), narrativas sobre os causos de guavira, os quais, foram coletados junto aos moradores da cidade de Jardim/MS mediante a elaboração e aplicação e armazenamento em gravador de áudio de um questionário contendo de 10 a 12 perguntas. Nesse sentido, buscamos identificar, através das análises, os elementos de referenciação adotados pelos enunciadores para apresentar, retomar e recategorizar os personagens, os espaços, o tempo, as ações e os meios de transportes utilizados pelos sujeitos que se aventuravam na busca pela guavira, procurando averiguar os recursos argumentativos e os sentidos construídos a cada retomada. A partir da realização deste trabalho percebe-se a importância da referenciação enquanto mecanismo de construção da identidade de um povo – a cada retomada o enunciador acrescenta características às ações, ao tempo, ao espaço e a construção da sua própria identidade, de suas verdades que são extremamente variáveis, conforme a circunstâncias e as intenções de cada enunciador perante seus enunciatários.

Palavras-chave: Histórias de Guavira. Referenciação. Efeitos de sentido.

ABSTRACT

RÔA, Rosângela Veron. **Stories about guavira: referencing and meaning construction.** 2013. p. 37. TCC (Graduation) – Course Languages hab. Port. England. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Jardim, 2013.

This study aims to analyze with the textual linguistic from Koch (2003 e 2004), Saussure (2000), Monteiro (2000), Vanoye (1998), Fiorin (2004) Edgar e Sedgwick (2003), Hall (2005) e Platão e Fiorin (1999), narratives about the stories of guavira, which were collected from the residents of the city of Jardim/MS by developing and implementing a questionnaire containing 10 or 12 questions, that were saved with an audio recorded. Accordingly, we seek to identify, through analysis, the elements of referencing adopted by enunciators to submit resume and recategorise characters, spaces, time, actions and means of transport used by individuals who ventured in search for the fruit guavira, seeking to ascertain the argumentative resources and constructed meanings to each resume. From this work realizes the importance of benchmarking as a mechanism for building the identity of a people – every resumed the announcer adds features to the shares at the time, space and the construction of their own identity, their truths are extremely variable, depending on the circumstances and the intentions of each enunciator before his enunciate .

Keywords: Stories about guavira. Referencing. Meaning's Effects.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: UMA REFLEXÃO SOBRE OS CONCEITOS PERTINENTES ÀS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA, LINGUAGEM E IDENTIDADE	11
1.1. Língua, Linguagem e Identidade.....	11
CAPÍTULO II – REFERENCIAÇÃO ENQUANTO MECANISMO DE ARGUMENTAÇÃO..	15
2.1. Mecanismos de coesão referencial	17
2.2. Guavira e suas Características.....	18
CAPÍTULO III – CAUSOS DE GUAVIRA: ANÁLISES DAS NARRATIVAS	20
3.1. Existe alguma história assustadora ou engraçada que você vivenciou ou ouviu falar?.....	21
3.1.1. Informante I.....	21
3.1.2. Informante II	23
3.1.3. Informante III	24
3.1.4. Informante IV	25
3.1.6. Informante VI.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

É comum durante os meses de novembro a dezembro presenciarmos cenas de pessoas comercializando, nas ruas de várias cidades do sudoeste do Mato Grosso do Sul, uma frutinha chamada *Camponesia Cambessedeanana Berg*, ou conforme é mais conhecida, Guavira.

Quem vive em Jardim dificilmente deixou de ser convidado ou convidada para catar guavira. Uma prática que se tornou tão comum e ao mesmo tempo tão esperada pelos habitantes a ponto de podermos aludir ao fato de que a cultura da Guavira tornou-se um patrimônio da população jardinense, gerando caravanas que circulam pelos guavirais com baldes em punhos e histórias a contar, diante dos mais diversos fatos e boatos que surgem em meio ao guaviral.

Frente a essa riqueza de histórias, e a necessidade de registrá-las, propomos a partir do presente trabalho, apresentar algumas análises de narrativas/histórias contadas e/ou vivenciadas pelas pessoas durante a coleta da guavira na cidade de Jardim/MS, por meio da teoria de referenciação, que analisa como os sujeitos apresentam, retomam e recategorizam os personagens, os espaços onde se encontram a guavira, o tempo em que se passam os acontecimentos dos casos e os meios de transportes utilizados pelos sujeitos para se locomover até os lugares de coleta da guavira, identificando com isso os elementos de coesão referencial adotadas pelo enunciador para a recategorização e efeitos de sentidos nas narrativas.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, iremos tratar da teoria de língua, linguagem enquanto manifestação de processos interativos considerados pelos autores: Saussure (2000), Monteiro (2000), Vanoye (1998), Fiorin (2004), Koch (2003), e sobre o conceito de identidade conforme Edgar e Sedgwick (2003) e Hall (2005) enquanto mecanismo de construção da identidade de um povo através de sua cultura.

No segundo capítulo denominado referenciação enquanto mecanismo de argumentação, será abordado a definição de argumentação segundo Platão e Fiorin (1999) visando identificar nas narrativas os recursos argumentativos utilizados pelo enunciador com o intuito persuadir o leitor. Nesse mesmo capítulo, trataremos dos “mecanismos de coesão referencial” de acordo com a Koch (2003 e 2004), e também, um pouco sobre a origem da guavira e suas características.

No terceiro capítulo apresentaremos os casos de guavira conforme os relatos dos entrevistados, direcionando a análise das narrativas de acordo com as concepções teóricas utilizadas para fundamentar este trabalho, que se encerra com as referências bibliográficas.

CAPÍTULO I

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: UMA REFLEXÃO SOBRE OS CONCEITOS PERTINENTES ÀS CONCEPÇÕES DE LÍNGUA, LINGUAGEM E IDENTIDADE

O presente capítulo apresenta as definições de língua com Ferdinand de Saussure (2000) e José Lemos Monteiro (2000), e em seguida as concepções de linguagem segundo Francis Vanoye (1998), José Luiz Fiorin (2004) e Koch (2003). Após isso, explicamos a definição de identidade conforme Andrew Edgar e Peter Sedgwick (2003) e Stuart Hall (2005).

1.1. Língua, Linguagem e Identidade

Para Saussure (2000, p. 17), a língua é um produto de veículo da comunicação social, ou seja, a língua é um fato social, é um conjunto de convenções necessárias adotadas pela sociedade no convívio social para permitir o exercício da faculdade da linguagem entre os falantes.

Segundo essa concepção entende-se, que a língua é um instrumento essencial da linguagem, sem língua não existe linguagem e isso significa, que a língua depende de um todo social para se estabelecer. A faculdade natural que o indivíduo tem de articular palavras não se exerce senão com a ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade. Portanto, as convenções sociais são adotadas, adquiridas e aprendidas por cada falante dentro do seu contexto social para que possam através disso, estabelecer relações de interação e comunicação.

De acordo com o conceito de Saussure (2000, p. 23), a língua é homogênea, um objeto de natureza concreta, uma convenção social, enquanto a linguagem é heterogênea e que ambas constituem-se num sistema de signos linguísticos igualmente psíquicos. A língua é um sistema de signos que exprimem ideias, pensamentos, ações, emoções etc. Saussure (2000, p. 24).

No livro para compreender Labov, Monteiro (2000, p. 16) cita a concepção de Labov que, [...] “a língua não é simplesmente um veículo para se transmitir informações, mas é também um meio para se estabelecer e manter relacionamentos com outras pessoas”. Desse modo, Monteiro pretende mostrar que além da língua estabelecer contatos sociais através da

transmissão de informações sobre o falante, a língua também tem uma relação muito importante entre a sociedade, pois, uma não poderia existir sem a outra. Portanto, Monteiro (2000, p. 13) afirma que língua e sociedade são duas realidades que se inter-relacionam de tal modo, que é impossível conceber-se a existência de uma sem a outra.

[...] a finalidade básica de uma língua é a de servir como meio de comunicação e, por isso mesmo, ela costuma ser interpretada como produto e expressão da cultura de que faz parte (MONTEIRO, 2000, p. 13).

Após apresentarmos alguns conceitos pertinentes a concepção de língua, a fim de reconhecermos a sua finalidade básica e o seu papel fundamental para o processo na comunicação, é importante também destacarmos em seguida a relação que a língua estabelece com a linguagem.

Conforme Saussure (2000, p. 27), o estudo da linguagem se compõe em duas partes distintas, porém estreitamente ligados: a primeira tem por objeto a língua, que é um fato social em sua essência e independente do indivíduo; a segunda tem a fala como objeto individual da linguagem, em que o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal. Embora a língua seja considerada distinta a fala, uma necessita da outra para que possa existir.

Sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente a fala vem sempre antes (SAUSSURE, 2000, p. 27).

Já Francis Vanoye, (1998, p. 21), comenta a definição de linguagem segundo a concepção de Émile Benveniste:

A linguagem, segundo definição de Émile Benveniste, é um sistema de signos socializado. “Socializado” remete à função de comunicação da linguagem. A expressão “sistema de signos” é empregada para definir a linguagem como um conjunto cujos elementos se determinam em suas inter-

relações, ou seja, um conjunto no qual nada significa por si, mas tudo significa em função dos outros elementos (VANOYE, 1998, p. 21).

A partir dessa concepção, compreende-se que a linguagem faz parte de um sistema linguístico de uma comunidade linguística, no qual permite ao ser humano estabelecer contato uns com os outros e interagir. Desse modo, tudo o que se produz como linguagem ocorre em sociedade para ser comunicado, e é através da linguagem que o indivíduo e a sociedade estabelecem relações de comunicação e interação.

Segundo o conceito de Fiorin (2004, p. 72) a linguagem é o veículo das representações ideológicas, é a expressão da realidade, o instrumento que permite que as representações se materializem.

De acordo com esse conceito, a linguagem é manifestada a partir das representações ideológicas que se encontram internalizadas em cada indivíduo e isso possibilita ao ser humano expressar não só a representação e a regulação do pensamento e da ação através da linguagem, mas também, de comunicar ideias, pensamentos e intenções de diversas naturezas permitindo ao falante estabelecer relações de interação comunicativa. Por isso, Fiorin (2004) considera a linguagem como sendo, uma instituição social, o veículo das ideologias, o instrumento de mediação entre o homem e o meio.

Portanto, para Koch (2003, p. 7), a linguagem é conceituada de três formas: como representação do mundo e do pensamento; como instrumento de comunicação; e como forma de ação ou interação.

A primeira concepção trata a linguagem como espelho do homem, na qual, sua função é representar o pensamento e conhecimento de mundo. A segunda considera a língua como um código por meio do qual, o emissor comunica ao receptor determinadas mensagens, havendo dessa forma a transmissão de informações. Logo a terceira concepção encara a linguagem como atividade, como forma de ação, como lugar de interação que possibilita aos membros de uma sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos. (KOCH, 2000, p. 7).

Tendo por base as concepções acima citadas focalizaremos nossas atividades compreendendo a linguagem tomada como um veículo de interação e comunicação entre os indivíduos, um instrumento que permite ao falante representar para si o mundo, e por isso, tem um papel muito importante para a formação social do ser humano, pois, é através da linguagem que construímos a nossa própria identidade.

Para que possamos compreender um pouco mais sobre a questão da identidade, citaremos uma breve definição segundo a concepção de Edgar e Sedgwick:

a questão da identidade é central nos estudos culturais no ponto em que eles examinam os contextos dentro dos quais e por meio dos quais tanto os indivíduos quanto os grupos constroem, negociam e defendem sua identidade ou autocompreensão (EDGAR E SEDGWICK 2009, p. 169).

Levando em consideração a primeira definição sobre a identidade, tomamos também como partida a concepção de Hall (2005, p. 10, 11 e 12), no qual, o autor conceitua a identidade cultural em três aspectos principais: primeiro ele conceitua o sujeito do iluminismo, baseado na pessoa humana como um indivíduo centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. Em segundo o sujeito sociológico, que refletia a crescente complexidade do mundo moderno. O núcleo interior do sujeito não era autônomo, mas era formado na relação com outras pessoas, no qual, mediava valores, símbolos e sentidos na formação da cultura por ele/ela vivido.

Por fim, o sujeito pós-moderno, segundo Hall (2005, p. 12), é o sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades. Ou seja, a identidade está sendo formada e transformada continuamente em diferentes momentos e contextos históricos, fazendo, a partir disso, surgir novas identidades.

De acordo com as palavras de Hall, podemos compreender que a identidade é uma questão muito complexa, ou seja, a identidade está longe de ter uma definição concreta, e essa questão pode ser observável no sujeito pós-moderno em que a modernidade acaba propiciando a fragmentação da identidade do ser humano. Isso acontece quando uma pessoa é submetida a uma nova cultura da qual, passa a fazer parte. O contato e as influências entre culturas diferentes ocasionará o surgimento de uma nova identidade.

O segundo capítulo tem por objetivo apresentar algumas considerações teóricas a respeito da argumentação segundo Platão e Fiorin (1999), e referência conforme as concepções da Koch (2003 e 2004).

CAPÍTULO II - REFERENCIAÇÃO ENQUANTO MECANISMO DE ARGUMENTAÇÃO

De acordo com Platão e Fiorin (1999), a argumentação tem como procedimento de natureza lógica e linguística o papel de persuadir o seu leitor, isto é, um texto deve conter recursos argumentativos que busque levar o leitor a crer naquilo que foi dito pelo autor.

Chamamos procedimentos argumentativos a todos os recursos acionados pelo produtor do texto com vistas a levar o leitor a crer naquilo que o texto diz e a fazer aquilo que ele propõe (PLATÃO E FIORIN, 1999, p. 173).

De acordo com a concepção de Platão e Fiorin (1999), os recursos argumentativos de um texto devem conter unidade, ou seja, deve tratar de um só objeto, uma só matéria, um texto deve ser organizado, claro e objetivo para que possa ser convincente e persuasivo. Um texto pode conter várias informações desde que não fuja do seu tema central.

A argumentação está nos recursos linguísticos utilizados pelos enunciadores, ou seja, cada elemento de referenciação empregado funciona enquanto uma estratégia argumentativa com fins a gerar uma imagem/representação de um objeto/sujeito ao interlocutor/leitor.

No livro *Desvendando os segredos do texto*, Koch (2003, p. 78) afirma que é na dimensão da percepção/cognição que fabricam os referentes, assim sendo, a autora explica que segundo Blikstein a percepção/cognição transforma o “real” em referente, no qual, por meio deste ou da interpretação humana a realidade se transforma em referente.

De acordo com a Koch (2003, p. 79), a referenciação constitui uma atividade discursiva, o que implica uma visão não-referencial da língua e da linguagem o que também as leva a postular uma instabilidade das relações entre palavras e coisas, assim sendo.

[...] a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas, acima de tudo, pela forma como, sociocognitivamente, interagimos com ele: interpretamos e construímos nossos mundos através da interação com o entorno físico, social e cultural. A referência passa a ser considerada como o resultado da operação que realizamos quando, para designar, representar ou sugerir algo, usamos um termo ou criamos uma situação discursiva referencial com essa finalidade (KOCH, 2003, p. 79).

Segundo Koch (2003, p. 80), a referência diz respeito às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve, deste modo o discurso constrói uma representação que funciona como uma memória compartilhada sendo alimentada pelo próprio discurso. Nesse sentido, percebe-se que os objetos de discursos são dinâmicos, podendo ser modificados, reativados, transformados ou reconstruídos em novos aspectos e associando-se com outros objetos ao integrar-se em novas configurações, ou seja, são modificados por meio de novas referências.

Koch (2004, p. 30) aborda a questão da coesão referencial, conceituando-a como um componente da superfície do texto que faz remissão a outros elementos a partir do universo textual. Segundo Koch, o elemento de referência é bastante amplo, podendo ser representado por um nome, um sintagma, um fragmento de oração, uma oração por um nome ou todo um enunciado. Por esta razão, a autora cita, em seu livro, a concepção de Benveniste ao afirmar que “o referente se constrói no desenrolar do texto, modificando-se a cada novo “nome” que se lhe dê ou a cada nova ocorrência do mesmo “nome”. Isto é, o referente é algo que se (re)constrói textualmente” (KOCH, 2004, p. 31).

A partir dessas concepções, compreende-se que a referência é constituinte da relação entre a linguagem e a realidade, ou seja, a referência é uma atividade discursiva em que a discursivização ou textualização da linguagem não consiste apenas no processo de elaboração de informações, mas no processo pelo qual se constrói e (re)constrói o referente por meio da representação daquilo que é realidade.

De acordo com Koch (2003, p. 83), a construção de um modelo textual envolve os seguintes princípios de referência: o primeiro trata-se da ativação, no qual um referente textual até então ainda não mencionado é introduzido, passando a preencher um nóculo ou endereço cognitivo na rede conceptual do modelo de mundo textual, ou seja, a expressão linguística que o representa permanece em foco na memória de curto termo, de tal forma que o referente fica evidente no modelo. O segundo princípio refere-se à reativação, em que nesse caso, um nóculo já introduzido é reativado na memória de curto termo, por meio da forma referencial, no qual o referente permanece evidente. E por ultimo trata o de-ativação, no qual a ativação de um novo nóculo desloca a atenção para outro referente textual e desativando o referente que estava em foco anteriormente, podendo a qualquer momento ser novamente ativado. Desse modo:

A referenciação é responsável, como sabemos, pela introdução no texto de referentes novos ou inferíveis a partir de outros elementos do co-texto, isto é, pela ativação ou alocação dos referentes na memória de trabalho; na remissão a referentes já introduzidos, de modo a serem realocados ou reativados na memória operacional do interlocutor (KOCH, 2008, p. 119).

Assim, Koch (2003) nos dá a entender que esses princípios citados anteriormente, são continuamente elaborados e modificados por meio de novas referenciações.

Portanto, sendo a referenciação um caso geral de operação dos elementos designadores, todos os casos de progressão referencial são baseados em algum tipo de referenciação, não importando se são os mesmos elementos que recorrem ou não (KOCH, 2003, p. 84).

Segundo a autora, algumas estratégias de progressão referencial permitem a construção no texto por meio da categorização ou recategorização discursiva dos referentes, cujos mecanismos descrevemos abaixo.

2.1. Mecanismos de coesão referencial

Os elementos de coesão referencial podem ser divididos em gramaticais e lexicais. Dentre as estratégias de referenciação gramaticais temos: o uso dos pronomes ou elipses e dentre os pertencentes à categoria dos lexicais, temos o uso de expressões nominais definidas e o uso de expressões nominais indefinidas.

Segundo Koch (2003),

No uso dos pronomes, a referenciação pode ser realizada por formas gramaticais (pronomes propriamente ditos, numerais, advérbios pronominais), isto é, tal operação é descrita como pronominalização anafórica ou catafórica e pode ocorrer sem um referente co-textual explícito. Já o uso de expressões nominais definidas, são formas linguísticas constituídas de um determinante, definido ou demonstrativo. Dentre elas, constituirão objeto desta reflexão as descrições definidas, as nominalizações, as rotulações metalinguísticas ou metadiscursivas e as expressões nominais anáforas indiretas (KOCH, 2003, p. 85-87).

Cada um destes elementos, seja gramatical ou lexical contribui para a materialidade, de forma consciente ou inconsciente, de intenções de um enunciador mediante o texto/discurso.

Em outras palavras, segundo as concepções da Koch,

A função das expressões referenciais não é apenas referir, mas como multifuncionais que são, elas contribuem para elaborar o sentido, indicando pontos de vista, assinalando direções argumentativas, sinalizando dificuldades de acesso ao referente e recategorizando os objetos presentes na memória discursiva (KOCH, 2003, p. 106).

Dessa forma, ao se utilizar de um elemento referencial carregado de um valor semântico ou não, os interlocutores deixam marcas de sua ideologia, mediante as formações discursivas empregadas no texto para retomar os sujeitos da enunciação.

A partir de Koch percebe-se que a coesão textual também colabora para a qualidade textual, para a textualidade, tendo em vista que as retomadas, as recategorizações favorecem a unidade textual, ao gerar isotopias semânticas e argumentativas, funcionando como mecanismos de argumentação.

2.2. Guavira e suas Características

A partir da reportagem de Avidos e Ferreira na revista *Biotecnologia Ciência & Desenvolvimento*, buscaremos conhecer as características dessa fruta chamada guavira que é uma fruta muito apreciada em nossa cidade e região.

Segundo Avidos e Ferreira (s/d, p. 41),

a gabiroba ou guavira como popularmente é conhecida em nossa região, vem do nome científico – *Camponesia Cambessedeano Berg*, sua vegetação é abundante do cerrado, cerradão e campo sujo. Possuem flores pequenas de coloração creme-esbranquiçada e os frutos são arredondados de coloração verde-amarela. O florescimento ocorre de setembro a outubro e a maturação de novembro a dezembro. Além do consumo *in natura*, a guavira pode ser

aproveitada na forma de sucos, doces e sorvetes, bem como servir de matéria-prima para um saboroso licor (ÁVIDOS E FERREIRA, 2013).

Em Jardim, é possível encontrar a guavira nas poucas matas e cerrado remanescentes, ela tem o porte arbustivo que varia de 0,20 a 1,50 metros de altura, suas folhas diferem no tamanho e na consistência e os frutos tem a casca que vai da cor verde-clara à amarela, quando maduros possui um leve sabor azedo adocicado, planta nativa da região é pouco exigente em fertilidade de solo, muito rústica e se desenvolve em qualquer local da nossa região, e sua propagação se dá através de sementes.



Fig. 1



Fig. 2

Fonte: Fig. 1 e 2 Abrasel bonito

A produtividade dos frutos e quantidade produzida depende do tamanho das plantas e de populações existentes na área. Vale ressaltar que não existem dados de produtividade porque não existem plantações comerciais de guavira, isto é, ocorre de forma nativa nas regiões de mata e se multiplica por sementes. A guavira é uma planta que se adaptou ao clima da nossa região, preferindo climas quentes e com poucas chuvas.

CAPÍTULO III - CAUSOS DE GUAVIRA: ANÁLISES DAS NARRATIVAS

A guavira é uma das plantas mais comuns nos cerrados das regiões Sudeste e Centro-Oeste do Brasil. Em Jardim, Mato Grosso do Sul, o hábito de coletar guavira é muito forte, o que favorece o surgimento de muitas histórias relacionadas às mais diversas façanhas ocorridas no guaviral.

Diante dessa riqueza de causos oriundos da cultura da guavira, nesta parte do trabalho, apresentamos algumas destas narrativas, as quais foram coletadas através de gravador de áudio, dentre os dias 24 de fevereiro a 06 de abril de 2013.

A fim de fomentar as histórias, desenvolvemos um questionário que variou entre 10 e 12 questões as quais procuravam apreender informações sobre os meios de transporte que as pessoas utilizavam para se locomover até o guaviral; sobre os lugares onde as pessoas costumavam catar a guavira; e sobre os episódios fantásticos ocorridos com os sujeitos que se aventuravam na coleta da guavira.

A alguns aplicamos um número maior ou menor de questões à medida que percebíamos a necessidade de inserção ou retirada de assuntos.

Das diversas histórias coletadas, e posteriormente transcritas, selecionamos seis narrativas fantásticas ocorridas com as pessoas que catavam a guavira.

Apresentadas as narrativas, verificaremos como os entrevistados apresentam, retomam e recategorizam os espaços onde se encontra a Guavira, os meios de transporte utilizados para locomoção, o tempo em que passa a história, até os locais de coleta da fruta e os sujeitos envolvidos nas narrativas, identificando os elementos de coesão referencial adotados, suas recategorizações e efeitos de sentido.

Eis as histórias:

3.1. Existe alguma história assustadora ou engraçada que você vivenciou ou ouviu falar?

3.1.1. Participante I

Sim, eu sei de muitas histórias que as pessoas costumam contar, mas pra mim nunca apareceu nada assustador. Bom algumas mulheres contam que quando elas estavam catando guavira, às vezes aparecia um homem pelado e começava a correr atrás delas no guaviral, e então elas até apelidaram ele de o tarado do guaviral. Acho que o tarado atacava as mulheradas porque elas eram que mais ia na guavira, dizem que essa história é de verdade e até eu fiquei com medo e só ia catar guavira se tivesse algum homem com nós.

Outra história que aconteceu de verdade, é que algumas pessoas se perdiam no matagal quando procuravam a guavira. Uma vez um senhor já de idade ficou dois dias perdido e só foi encontrado no terceiro dia pelos policiais, coitado do velhinho. Sei também de uma criança que se perdeu, mais ainda bem que acharam ela logo.

Algumas pessoas mais antigas dizem já terem vistos espíritos maus per-seguindo eles, até soldados mortos sem cabeça aparecia no guaviral, bem são essas que eu sei.

1 – Enunciador

- (1º) *eu* sei de muitas histórias que as pessoas costumam contar;
- (2º) *mas pra mim* nunca apareceu nada assustador;
- (3º) (Ø) *Acho* que o tarado atacava as mulheradas;
- (4º) *eu* fiquei com medo;
- (5º) e (Ø) só ia catar guavira;
- (6º) se tivesse algum homem com *nós*;
- (7º) Sei também de uma criança que se perdeu;
- (8º) bem são essas que *eu* sei.

Seguindo os mecanismos de coesão referencial, podemos perceber a partir dessa narrativa que o narrador aparece no texto através do pronome pessoal do caso reto – eu – enquanto elemento de referenciação a fim de enfatizar a presença do sujeito enunciador

envolvidos nas histórias de guavira, enquanto um sujeito que funciona como um testemunho, um argumento para a construção das verdades nas histórias.

A fim de identificarmos os espaços presentes na narrativa, levantamos os elementos de referência utilizados para retomar estes lugares nesta história.

2 – Lugares

(1º) a correr atrás delas *no guaviral*;

(2º) algumas pessoas se perdiam *no matagal*;

(3º) até soldados mortos sem cabeça aparecia *no guaviral*.

Quanto aos elementos de referência utilizados para retomar o tempo, temos:

3 – Tempo

(1º) um senhor já de idade ficou *dois dias perdido*;

(2º) foi encontrado *no terceiro dia* pelos policiais.

Mecanismos utilizados com fins ao enaltecimento do perigo de estar coletando a guavira.

4 – Sujeitos (personagens da história)

(1º) *algumas mulheres*;

(2º) *um homem pelado*;

(3º) *o tarado* do guaviral;

(4º) *algum homem*;

(5º) *algumas pessoas*;

(6º) *um senhor*;

(7º) *pelos policiais*;

(8º) coitado do *velhinho*;

(9º) *uma criança*;

(10º) *pessoas* mais antigas;

(11º) *espíritos maus*;

(12º) *soldados* mortos sem cabeça

A ideia de que as retomadas são feitas mediante expressões nominais ora definidas, marcando com convicção a presença do sujeito, no caso (*o tarado do guaviral, pelos policiais, coitado do velhinho, pessoas mais antigas, espíritos maus e soldados mortos sem cabeça*) numa tentativa de reforçar a existência e participação desses sujeitos na narrativa e o aspecto fantástico conferido a ela por meio de expressões indefinidas (*algumas mulheres, um homem pelado; algum homem; algumas pessoas, um senhor, uma criança*), as quais contribuem para a recategorização ou atualização da narrativa.

Neste caso, percebemos dois grandes conjuntos significativos instaurados (*tarado da guavira e entidades místicas*) enquanto argumentos e/ou promoção do medo nas pessoas, sejam elas as mulheres, os idosos ou as crianças. Sujeitos estes que participavam ativamente da coleta da guavira.

3.1.2. Participante II

Oia menina, todas as veis que eu ia no guaviral nunca vi nada, mais as pessoas contam que uma vez apareceu uma mulher de branco vestida num vestido de noiva e assustava todo mundo que ia catar guavira, as pessoas contam que essa mulher é uma mulher que mataram lá por perto e então o espirito dela aparecia para assombrar os outros.

1 – Enunciador

(1º) *eu* ia no guaviral;

(2º) (Ø) nunca vi nada.

2 – Lugar

(1º) *no guaviral*;

(2º) *lá* por perto.

3 – Sujeitos (personagens da história)

(1º) *menina*;

(2º) *as pessoas* contam que uma vez apareceu;

(3º) apareceu *uma mulher* de branco;

- (4º) vestida num vestido de *noiva*;
- (5º) E assustava todo mundo que ia catar guavira;
- (6º) As *peessoas* contam que *essa mulher é uma mulher* que mataram lá por perto;
- (7º) e então o *espírito dela* aparecia para assombrar *os outros*.

O narrador da história se utiliza do pronome pessoal do caso reto, pró-forma verbal, caracterizada como de 1ª pessoa “*eu*” e a retoma, a recategoriza por intermédio da elipse “*nunca vi nada*”, reforçando mais a ação de não ver que o sujeito eu.

Quanto ao lugar de acontecimento dos fatos, o enunciador apresenta “no guaviral” e “lá por perto”.

Os elementos de referência utilizados pelo enunciador para retomar ou recategorizar o assunto em debate, ou seja, a presença ou ausência de personagens fantásticas dá-se por intermédio de “as pessoas contam que uma vez apareceu” e “*as pessoas contam que essa mulher é uma mulher que mataram lá por perto*” atribuindo a responsabilidade dos fatos a terceiros, pois conforme verificamos no início da história o enunciador diz nunca ter visto nada.

Embora diga não ter presenciado entidade mística alguma, o enunciador apresenta uma personagem fantástica através de expressões nominais definidas acompanhadas de artigos indefinidos, “*uma mulher*”, “*num vestido de noiva*”, “*é uma mulher que mataram*”, elipses: “E assustava todo mundo” e também por intermédio dos pronomes demonstrativos “contam que essa mulher”, recategorizando as personagens como um ser fantástico, indefinido, incerto, misterioso.

Acredita-se que estes recursos utilizados pelo sujeito tenham sido apresentados tendo em vista os objetivos de assustar as pessoas que se interessam pela coleta da guavira.

3.1.3. Participante III

Ó, a gente, a história que eu sei e que fala no tempo que a gente era criança, mesmo minha mãe e o meu pai nos recomendava muito era a gente ter cuidado com cobra né, porque é perigoso né. E aconteceu e já havia acontecido muitos casos de pessoas que foi pego por cobra no guaviral, mas eu nunca presenciei alguém sendo picado por cobra, “ graças a Deus”.

1 – Enunciador

(1º) Ó, *a gente*, a história que *eu* sei...

(2º) *a gente* era criança;

(3º) o meu pai *nos* recomendava;

(4º) era *a gente* ter cuidado;

(5º) *eu* nunca presenciei.

2 – Lugar

(1º) *no guaviral*.

3 – Tempo

(1º) *no tempo*;

(2º) que *a gente* era criança.

4 – Sujeitos (personagens da história)

(1º) *a gente* era criança;

(2º) minha *mãe* e o meu *pai*;

(3º) *peessoas* que foi pego por cobra;

(4º) *alguém* sendo picado por cobra.

O enunciador se apresenta a partir da oscilação entre “eu” e “a gente”, embora se utilize mais da expressão nominal indefinida “a gente”, que compreende um coletivo de um sujeito eu mais um sujeito tu, esta expressão evidencia uma construção de um sujeito neutro, que se exime da responsabilidade em relação à verdade dos fatos, aqui a história a ser contada.

O tempo de realização da história remonta-se ao passado, ou seja, no tempo em que o enunciador era criança, denotando aspecto de passado e mistério aos fatos.

3.1.4. Participante IV

Conheço, foi com minha tia já falecida e com um vizinho (ele era surdo, também falecido), eles se perderam no guaviral e foi acionada a polícia juntamente com o exército a procura dos dois. Como já havia escurecido as famílias começaram a ficar desesperadas,

ainda bem que eles conseguiram chegar em uma fazenda e foram achados pelos campeiros que estavam trabalhando ali. Quando os policiais chegaram lá, viram que os dois estavam bem, passado o susto, aquela situação tornou-se muito engraçado e depois foi só motivo de risadas.

1 – Enunciador

(1º) Ø Conheço;

(2º) foi com *minha tia*.

2 – Lugar

(1º) se perderam *no guaviral*;

(2º) *uma fazenda*;

(3º) campeiros que estavam trabalhando *ali*;

(4º) Quando os policiais chegaram *lá*

3 – Tempo

(1º) *já havia escurecido*.

4 – Sujeitos (personagens da história)

(1º) *minha tia*;

(2º) *um vizinho*;

(3º) *eles* se perderam no guaviral;

(4º) *a polícia*;

(5º) *o exército*;

(6º) *a procura dos dois*;

(7º) *as famílias*;

(8º) *pelos campeiros*;

(9º) *os policiais*;

(1º) *que os dois* estavam bem.

A partir dessa narrativa fantástica, percebe-se que o narrador se manifesta por meio de elipse (Ø conheço) afirmando ter conhecimento sobre alguma história assustadora ocorrido durante a coleta da guavira. Portanto, esta mesma expressão (*conheço*) segundo Platão e Fiorin (1999), passa a ser designado como um forte elemento argumentativo utilizado pelo

enunciador com o objetivo de convencer o leitor daquilo que está sendo contado, tanto pelo fato de se utilizar da 1ª pessoa do singular, quanto pela afirmação, conheço.

Para retomar e recategorizar a narrativa em questão, o enunciador apresenta os sujeitos a partir de expressões nominais definidas juntamente com os artigos definidos (*minha tia, a polícia, o exército, as famílias, pelos campeiros, os policiais*) com o intuito de enfatizar a presença de muitas pessoas da família e da sociedade envolvidas na coleta da guavira. E também por expressões nominais indefinidas e artigos indefinidos (*um vizinho, eles se perderam no guaviral, a procura dos dois, que os dois estavam bem*). O narrador apresenta a narrativa a partir desses elementos com o objetivo de marcar a presença dos mais diversos sujeitos, enfatizando o prazer que as pessoas têm em catar guavira, mesmo que isso, muitas vezes, possa ser perigoso.

3.1.5. Participante V

Eu tenho uma história muito interessante, era eu e mais dois amigos um dia a gente combinou de sair lá pelas três horas da manhã de bicicleta, pegamos uma lanterna e íamos descendo aquela baixadona do cemitério e ia embora. Nesse dia eu acordei cedo preparei o lanche, arrumei dois baldes e uma sacola pra levar e fiquei esperando eles chegar, eles chegaram e como eu já tinha falado nós descemos a rua do cemitério.

Chegamos no guaviral e começamos catar guavira, eu fui catando o que via pela frente e já estava quase enchendo os meus baldes e a sacola, já os meus companheiros ficaram escolhendo a guavira maior, então eu falei: – ó gente, pra mim aqui já deu e assim que eu terminar de encher eu vou embora, mas eles disseram que iriam mais pra frente e aí a gente atravessou uma fazenda onde tinha um trieiro, então percebi que estávamos indo muito longe de onde começamos a catar guavira e aí eu falei pra eles pra voltarmos.

Voltamos pra estrada empurrando as bicicletas quando de repente, o pneu da minha bicicleta furou, fiquei indignado com aquela situação pois, para que isso não acontecesse, o de furar o pneu da bicicleta passei o campo todo carregando a bendita bicicleta nas costas. Por causa disso, eu fui chegar na minha casa já ao anoitecer, estava cansado, quebrado e a minha bicicleta todo arregaçado e ainda por cima virei motivo pra deboche, porque o único que cuidou da bicicleta se lascou e enquanto os outros que não cuidaram se deram bem.

1 – Enunciador

- (1º) *Eu* tenho uma história muito interessante;
- (2º) era *eu* e mais dois amigos;
- (3º) Um dia *a gente* combinou de sair;
- (4º) (Ø) pegamos uma lanterna;
- (5º) e (Ø) íamos descendo aquela baixadona;
- (6º) *eu* acordei cedo;
- (7º) (Ø) preparei o lanche;
- (8º) (Ø) arrumei dois baldes;
- (9º) e fiquei esperando;
- (10º) como *eu* já tinha falado;
- (11º) *nós* descemos a rua do cemitério;
- (12º) (Ø) Chegamos no guaviral;
- (13º) (Ø) começamos catar guavira;
- (14º) *eu* fui catando;
- (15º) (Ø) enchendo os meus baldes;
- (16º) já os meus companheiros;
- (17º) então *eu* falei;
- (18º) pra *mim* aqui já deu;
- (19º) assim que *eu* terminar;
- (20º) *eu* vou embora;
- (21º) ai *a gente* atravessou uma fazenda;
- (22º) então (Ø) percebi que estávamos indo muito longe;
- (23º) ai *eu* falei pra eles pra voltarmos;
- (24º) Voltamos pra estrada;
- (25º) o pneu da minha bicicleta furou;
- (26º) (Ø) fiquei indignado;
- (27º) (Ø) passei o campo;
- (28º) *eu* fui chegar;
- (29º) (Ø) estava cansado, quebrado;
- (30º) a minha bicicleta todo arregaçado;
- (31º) (Ø) virei motivo pra deboche.

2 – Lugar

- (1º) baixadona do *cemitério*;
- (2º) descemos *a rua do cemitério*;
- (3º) Chegamos no *guaviral*;
- (4º) uma *fazenda* onde tinha um *trieiro*;
- (5º) *estrada*;
- (6º) *o campo*;
- (7º) *minha casa*.

3 – Tempo

- (1º) *um dia* a gente combinou;
- (2º) de sair lá *pelas três horas da manhã*;
- (3º) *Nesse dia* eu acordei cedo;
- (4º) fui chegar na minha casa já *ao anoitecer*.

4 – Sujeitos (personagens da história)

- (1º) *dois* amigos;
- (2º) fiquei esperando *eles* chegar;
- (3º) *eles* chegaram;
- (4º) *os meus companheiros*;
- (5º) *eles disseram*;
- (6º) falei *pra eles* pra voltarmos;
- (7º) *os outros* que não cuidaram se deram bem

5 – Transporte

- (1º) *de bicicleta*;
- (2º) *o pneu da minha bicicleta* furou;
- (3º) *a minha bicicleta* todo arregaçado.

De acordo com a narrativa, podemos observar enquanto elemento de referência o pronome pessoal do caso reto em 1ª pessoa “eu”, onde o narrador aparece marcando fortemente sua presença na história (*Eu tenho uma história muito interessante, era eu e mais dois amigos, eu acordei cedo, como eu já tinha falado, eu fui catando, então eu falei, assim que eu terminar, eu vou embora, ai eu falei pra eles pra voltarmos, eu fui chegar*) e também

por expressões indefinidas, evidenciando a participação de outros sujeitos na narrativa (*a gente combinou de sair, pegamos uma lanterna, e íamos descendo aquela baixadona, e fiquei esperando, nós descemos a rua do cemitério, chegamos no guaviral, começamos a catar guavira, já os meus companheiros, ai a gente atravessou uma fazenda, então percebi que estávamos indo muito longe, voltamos pra estrada*), e por meio de elipse ((Ø) *pegamos uma lanterna, e (Ø) íamos descendo aquela baixadona, (Ø) preparei o lanche, (Ø) arrumei dois baldes, (Ø) Chegamos no guaviral, (Ø) começamos catar guavira, (Ø) enchendo os meus baldes, (Ø) fiquei indignado, então (Ø) percebi que estávamos indo muito longe, (Ø) passei o campo, (Ø) estava cansado, quebrado(Ø) virei motivo pra deboche*), reforçando o empenho coletivo na ação de buscar a guavira.

O espaço em que se passa a narrativa se dá a partir de um local específico “minha casa”, e o percurso percorrido pelos sujeitos que se aventuraram em busca da guavira ocorreu na rua do cemitério até o guaviral, no qual estes elementos são retomados pelo enunciador através dos mecanismos de referenciação no guaviral, trieiro, estrada e campo, estes últimos reforçando os percursos difíceis pelos quais os sujeitos precisam passar ou superar a fim de participar da colheita da guavira.

Quanto ao tempo, temos primeiramente uma ênfase em um momento indefinido, “um dia”, que é retomado por horários bem atípicos, a exemplo de três horas da manhã, cedo, com retorno ao anoitecer, os quais também reforçam as dificuldades enfrentadas pelos sujeitos para o desenvolvimento de tal atividade, enaltecendo as ações destes sujeitos.

No que se refere aos sujeitos apresentados pelo enunciador da história, verificamos a presença de dois amigos (*que é ligado a outrem por laços de amizades; acolhedor; protetor*) os quais são retomados pela pró-forma verbal eles (*esvaziamento da identidade do sujeito*) que posteriormente se preenche com a recategorização atribuída por intermédio da expressão meus companheiros (*que acompanha; colega*) sendo mais aquele que acompanha o outro que aquele que mantém relação de amizade com algo ou alguém. Por fim, o enunciador retoma o sujeito através da expressão nominal definida os outros, mas com aspectos de indefinição pois ao mencionarmos os outros não sabemos ao certo quem são estes sujeitos. Talvez esta última retomada tenha sido utilizada frente à situação pela qual o enunciador passa na narrativa, pois por mais que se esforçou para cuidar da sua bicicleta, esta acaba furando o pneu o que o deixa indignado.

3.1.6. Participante VI

Eu vivenciei uma história apavorante e engraçada ao mesmo tempo. Quando eu tinha dezesseis anos eu, minha mãe e minha irmã resolvemos ir no guaviral de bicicleta com nossos baldes na garoupeira, chegamos no pontal e cadeamos nossas bicicletas em uma árvore e entramos no campo carregando nossos baldes. Quando estávamos começando a catar a guavira apareceu uma manada de vacas em nossa direção, desesperadas começamos a correr, não sei nem como fomos parar em cima de uma árvore nós estava tão assustadas que não parávamos de tremer, e pra completar o nosso azar um touro muito bravo começou a rodear o pé da árvore e parecia que ele nunca ia sair de perto.

Já estava ficando tarde e a fome e a sede apertando, ficamos gritando lá de cima pra ver se alguém nos ouvia e parecia pra nos ajudar, mais nada, ninguém aparecia naquela hora então, nós começamos a chorar e a minha mãe a rezar e acho, que de tanto que minha mãe rezou Deus ouviu suas preces e quando o sol já estava sumindo e escurecendo, finalmente aquele touro sem graça resolveu sair debaixo da árvore e ficamos cuidando ele ir embora. Só sei que naquele dia nós chegamos á noite já em casa, cansadas, assustadas, com fome e sem guavira e todo mundo preocupados com nós. Aquele dia foi horrível e depois de um tempo nós rimos de nós mesmos, e nunca mais eu queria passar por aquilo de novo.

Outro caso que eu ouvi falar foi do tarado que se escondia no mato para atacar as mulheres que saia do guaviral. Essa história as pessoas contavam muito, mas Graças a Deus nunca nos deparamos com esse tarado, e se encontrássemos também ele ia se ferrar porque a gente sempre estava preparada.

1 – Enunciador

(1º) *Eu vivenciei;*

(2º) *Eu tinha 16 anos;*

(3º) *Eu, minha mãe e minha irmã;*

(4º) (Ø) *Chegamos no pontal;*

(5º) (Ø) *Cadeamos nossas bicicletas;*

(6º) (Ø) *Entramos no campo carregando nossos baldes;*

(7º) *Quando (Ø) estávamos começando a catar guavira;*

(8º) *desesperadas (Ø) começamos a correr;*

(9º) *não* sei nem como fomos parar;
(10º) *nós* estava tão assustadas;
(11º) que não parávamos de tremer;
(12º) e pra completar o nosso azar;
(13º) ficamos gritando lá de cima pra ver se alguém *nos* ouvia e parecia pra *nos* ajudar;
(14º) *nós* começamos a chorar e a minha mãe a rezar e acho;
(15º) que de tanto que minha mãe rezou Deus ouviu suas preces;
(16º) ficamos cuidando ele ir embora;
(17º) Só sei que naquele dia *nós* chegamos á noite;
(18º) e todo mundo preocupados com *nós*;
(19º) depois de um tempo *nós* rimos de *nós* mesmos;
(20º) e nunca mais *eu* queria passar por aquilo de novo;
(21º) Outro caso que *eu* ouvi falar;
(22º) nunca nos deparamos com esse tarado;
(23º) se encontrássemos também ele ia se ferrar porque *a gente* sempre estava preparada.

2 – Sujeitos (personagens da história)

(1º) apareceu uma *manada de vacas*;
(2º) *um touro muito bravo* começou a rodear o pé da árvore;
(3º) e parecia que *ele* nunca ia sair de perto;
(4º) finalmente *aquele touro* sem graça resolveu sair debaixo da árvore;
(5º) e ficamos cuidando *ele* ir embora;
(6º) ouvi falar foi do *tarado* que se escondia no mato;
(7º) Essa história *as pessoas* contavam muito;
(8º) Graças a Deus nunca nos deparamos com *esse tarado*;
(9º) e se encontrássemos também *ele* ia se ferrar.

3 – Tempo

(1º) Quando *eu tinha dezesseis anos*;
(2º) Já estava *ficando tarde* e a fome e a sede apertando;
(3º) ninguém aparecia *naquela hora*;
(4º) quando *o sol já estava sumindo e escurecendo*;
(5º) Só sei que naquele dia *nós* chegamos á noite;

(6º) *Aquele dia* foi horrível e depois de um tempo nós rimos de nós mesmos.

4 – Lugar

(1º) resolvemos ir *no guaviral*;

(2º) chegamos *no pontal*;

(3º) entramos *no campo* carregando nossos baldes;

(4º) que se escondia *no mato* para atacar as mulheres.

5 – Transporte

(1º) *de bicicleta*;

(2º) baldes na garoupeira;

(3º) cadeamos nossas *bicicletas* em uma árvore.

Nessa narrativa, o enunciador aparece na primeira pessoa do caso reto “eu” em que, ao utilizar a expressão (*eu vivenciei, eu tinha dezesseis anos, eu, minha mãe e minha irmã, e nunca mais eu queria passar por aquilo de novo, outro caso que eu ouvi falar*) deixa claro seu comprometimento com a história a ser contado. Enquanto mecanismo de referenciação o narrador também se apresenta por meio de elipse ((Ø) *Chegamos no pontal, (Ø) Cadeamos nossas bicicletas,*) (Ø) *Entramos no campo carregando nossos baldes, Quando (Ø) estávamos começando a catar guavira, desesperadas (Ø) começamos a correr*), colocando em evidência o envolvimento de outras pessoas na busca pela guavira.

A partir dos sujeitos citados na narrativa, podemos constatar a presença de uma espécie de animal, na qual o enunciador a descreve como “uma manadas de vacas”, que logo em seguida é retomado pelo narrador através da expressão nominal indefinida “um touro muito bravo” tentando de certo modo, mostrar o quão perigoso é o animal, e também pela pró-forma verbal “ele” (*e parecia que ele nunca ia sair de perto, e ficamos cuidando ele ir embora*) com o intuito de demonstrar o incômodo do animal com a presença das pessoas que adentraram num território que até então, era só seu.

Quanto ao tempo, podemos verificar que este é manifestado no passado (*quando eu tinha dezesseis anos, Aquele dia foi horrível e depois de um tempo nós rimos de nós mesmos*), pois o narrador dá início a narrativa contando ter vivenciado um caso que ocorreu durante a colheita da guavira quando este, tinha dezesseis anos de idade e em outro momento o retoma utilizando o argumento “e depois de um tempo nós rimos de nós mesmos” reforçando na história a ideia de um fato ocorrido no passado. Percebe-se também através do tempo, (“*Já estava ficando tarde e a fome e a sede apertando, ninguém parecia naquela hora, quando o*

sol já estava sumindo e escurecendo, só sei que naquele dia nós chegamos á noite”), as dificuldades enfrentadas pelos sujeitos, enaltecendo desse modo o ato de coletar guavira.

Já o espaço da narrativa se passa “no guaviral”, sendo retomado e recategorizado pelo enunciador mediante a um lugar chamado “pontal”, localidade de uma fazenda muito conhecido na cidade e que as pessoas têm como referência para ir encontrar bastante guavira.

Segundo o narrador o meio de transporte utilizado pelos sujeitos é a bicicleta mesmo, isso mostra que a paixão pela guavira é tanta que não importa o que as pessoas têm que fazer ou enfrentar para seguir essa tradição, o importante mesmo é catar guavira e estar em contato com a natureza, conhecer lugares novos, pessoas novas, fazer bastantes amizades e ter muitas histórias fantásticas para contar depois.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os pressupostos teóricos utilizados para fundamentar este trabalho, buscamos analisar as narrativas fantásticas ou não a partir dos elementos de referenciação. Nessa perspectiva, identificamos através das análises a paixão das pessoas pela cultura de colher Guavira, essa fruta tão degustada e apreciada em nossa cidade e que movimenta a população na época de sua colheita.

Conforme os relatos dos entrevistados, podemos perceber a força dessa tradição na vida das pessoas, estas características são reforçadas pelas dificuldades enfrentadas pelos sujeitos da narrativa, tendo em vista a vontade de catar a Guavira. Nesse mesmo sentido, verificamos o quanto essa cultura já faz parte da identidade do povo Jardinense, sendo esta, uma atividade passada de geração em geração.

Nesse contínuo cultural, observa-se também que as pessoas fazem de tudo pela Guavira, reúnem os amigos, companheiros, famílias e vizinhos, selam laços de amizades simplesmente pelo gosto de catar guavira. E para concretizar essa aventura, não importa as distâncias, os perigos, os meios de transportes a ser utilizados (meios estes, que são sempre árduos e que exigem certo esforço por parte dos sujeitos), ou até mesmo o tempo que pode ser levado para chegar até o guaviral, o interessante é o prazer que esse ato causa nos indivíduos apaixonados por essa fruta nativa da região.

Todavia, para evidenciar ainda mais essa paixão pela guavira, valem ressaltar alguns dos recursos argumentativos utilizados pelo enunciador como forma de marcar a verdade nas histórias, o que denota na maior parte das narrativas fantásticas, a forte presença do sujeito, o seu comprometimento, pois quando usa “eu” assume a autoria da enunciação, mas ele também busca a presença de um tu, “eu + eles” que gera um “nós” para enfatizar o esforço coletivo, reforçando desde então, a veracidade dessa cultura.

Por fim, este trabalho mostra a importância da referenciação enquanto mecanismo de construção da identidade de um povo – a cada retomada o enunciador acrescenta características às ações, ao tempo, ao espaço e à construção da sua própria identidade, de suas verdades que são extremamente variáveis, conforme as circunstâncias e as intenções de cada enunciador perante seus enunciatários.

REFERÊNCIAS

ABRASEL – Associação Brasileira de Bares e Restaurantes. **Conheça a Guavira, a típica fruta do cerrado sul-mato-grossense**, 2011. Disponível em: <http://abraseiltonito.blogspot.com.br/2011/11/conheca-guavira-tipica-fruta-do-cerrado.html>. Acesso em 2 de novembro de 2013.

ANDREW, E. SEDWICK, P. Teoria cultural de A a Z conceitos – chave para entender o mundo contemporâneo. 2003.

AVIDOS, M.F.D. FERREIRA, L.T. FRUTOS DOS CERRADOS: Preservação gera muitos frutos. Biotecnologia Ciência & Desenvolvimento. Disponível em revista online. Acesso em 08 de agosto de 2013.

FIORIN, J.L; SAVIOLI, F.P. Para entender o texto: leitura e redação. 15ª ed. São Paulo. Editora Ática, 1999.

FIORIN, José Luiz. Linguagem e ideologia. 8ª ed. São Paulo. Editora Contexto, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A inter-ação pela linguagem / Ingedore Koch 8. Ed. – São Paulo. SP: Editora Contexto, 2003.

_____. Desvendando os segredos do texto. 2ª. Ed. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

_____. A coesão textual. 19ª. Ed. São Paulo: contexto, 2004.

MONTEIRO, José Lemos. Para compreender Labov. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. 22ª. Ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

STUART, Hall. A identidade cultural na pós-modernidade, tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracura Lopes Lauro. 10ª ed. Rio de Janeiro: Dp & A, 2005.

TERSARIOL, Alpheu. Minidicionário escolar da língua portuguesa. Erechim: Edelbra, 2000.

VANOYE, Francis. Usos da linguagem. 11ª. Ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1998.